

ACOLHER EM FAMÍLIA VIVER O MOMENTO

DIANA CHAVES



Ao longo de uma semana, Portugal vai acolher jovens provenientes de todo o mundo, em mais uma edição da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 (JMJ), que visa proporcionar a todos os participantes uma experiência única de Igreja, fomentando o encontro pessoal com Jesus Cristo. Além dos momentos de oração, partilha e lazer, os jovens participam em várias iniciativas organizadas pela equipa da JMJ, em diferentes locais da cidade de Lisboa.

Este é o primeiro evento da JMJ depois da COVID-19, o que traz muita esperança e alegria pelo encontro das pessoas.

A edição da JMJ Lisboa 2023, que acontece de 1 a 6 de agosto, é organizada pelo Patriarcado de Lisboa, que instituiu o Comité Organizador Local (COL) como órgão executivo da preparação e organização. É formado pelo coordenador geral, o Bispo Auxiliar de Lisboa D. Américo Aguiar, e pelo secretário

executivo, Duarte Ricciardi, que agarrou esta “oportunidade única” através da Brisa, do Grupo Mello, onde trabalha, e que tem uma ligação com o Patriarcado de Lisboa. O Duarte continua a fazer parte da empresa, mas foi “emprestado” a este projeto, onde está a trabalhar desde julho de 2020. O papel do Duarte é fazer a coordenação entre departamentos e tem vindo a evoluir ao longo do tempo. “Na prática, é articular as direções que tratam de todos os assuntos logísticos, da Pastoral que trata de todo o conteúdo, das inscrições, das finanças, etc., para garantir que não há zonas cinzentas e que todos trabalham em conjunto e para os mesmos objetivos”, conta-nos o secretário executivo.

Duarte é casado e tem dois filhos pequenos com Catarina, que, embora tenha sido voluntária no início das JMJ Lisboa 2023, ambos sentiram que a sua missão em relação às jornadas estava cumprida e que fazia mais sentido viverem este momento em família. Embora os filhos ainda não tenham muita noção da dimensão deste evento, também participam sempre que há eventos, e o casal sente que é uma “coisa” da família inteira.

Um fator muito importante das Jornadas é garantir que todos os voluntários e peregrinos são bem acolhidos aquando da sua chegada a Lisboa, e, para isso, além de terem sido reservados espaços próprios para o efeito, as famílias portuguesas podem-se inscrever para serem Família de Acolhimento e receber os jovens em sua casa durante as Jornadas. Para isso, a sua área de residência deve ser nos distritos de Lisboa, Santarém ou Setúbal e a sua inscrição é realizada através das paróquias das Dioceses de Acolhimento mais próximas, ou via formulário disponibilizado no site das JMJ.

Duarte não vai acolher peregrinos em sua casa porque durante aquela semana vai estar a trabalhar nas Jornadas e não tem logística para ter pessoas em casa, mas “se não fosse esta circunstância acolheria de certeza, porque é também uma forma simples e muito útil de viver as Jornadas, pois será uma experiência única para os peregrinos, uma vez que será mais enriquecedor do que ficar nos espaços comuns, como escolas e ginásios”, comenta Duarte. Para proporcionar aos voluntários e peregrinos uma boa experiência, “por um lado, temos de garantir os básicos,

ou seja, que as pessoas conseguem comer bem, dormir o suficiente, mover-se de um lado para o outro quando precisam, que conseguem chegar aos eventos e que existem casas de banho suficientes e limpas. Nenhum destes fatores pode falhar e o nosso objetivo é garantir que todos sintam que foram bem tratados de uma maneira geral e que se sentiram seguros. Depois há outros fatores, como a parte da Pastoral, que tem a ver com os temas que vão ser falados nas Jornadas, o próprio clima que vamos criar, a espiritualidade, o importantíssimo papel do Papa, pois sabemos que as suas palavras vão ser muito cativantes para os jovens e, de facto, queremos que as pessoas sintam que vieram a uma experiência profunda de transformação, para se encontrarem com Jesus. Todos os nossos esforços vão no sentido de encontrar maneira de isso acontecer, pois é muito importante que as Jornadas sejam um momento de partilha e de conversa, tocando em assuntos que estão na cabeça dos jovens nesta altura e também nos assuntos que são mais prementes na Igreja”, continua o secretário.

Relativamente às equipas, há voluntários de média e longa duração de várias partes do mundo e de muitas nacionalidades diferentes. Alguns deles chegaram há um ano ao COL, onde se vive um ambiente multicultural muito grande e onde se falam várias línguas e é preciso lidar com as diferentes formas de estar, o que acaba por ser um desafio, mas que é muito gratificante. Os pontos de contacto são as redes sociais e os canais comuns como email ou telefone. “Fizemos um esforço para termos pelo menos uma pessoa de cada nacionalidade a participar, sendo que neste momento só nos falta um país e, para isto acontecer, tivemos de encontrar soluções, algumas delas envolvendo apoio económico, para conseguir a sua presença, ou seja; dentro do possível, fomos aos locais (alguns deles foram Santiago de Compostela, Perú e Brasil) falar cara-a-cara com os jovens e convidá-los de uma forma mais íntima a participar”, conta-nos Duarte.

Uma das maiores dificuldades que Duarte prevê durante a semana das Jornadas vai ser a forma como vão comunicar, em direto, com os voluntários, pois há uns que chegam com apenas uma semana de antecedência e que aterram “um bocadinho de paraquedas”, refere. Todos eles têm uma »

VIVER O MOMENTO

missão prática e têm de saber o que têm de fazer, onde têm de estar e viver este ambiente através do seu trabalho, para que também consigam ter uma experiência forte de fé e sintam que não estão aqui só por uma lógica de serviço, mas que o COL está lá a olhar por eles. Para isto acontecer, tem de se fazer o devido acompanhamento, como criar equipas para acompanhar as escolas, os ginásios e as Casas de Acolhimento onde os voluntários vão estar, para que não se sintam abandonados. Neste sentido, “as famílias portuguesas vão ter um papel muito importante para criar um ambiente acolhedor e “caseiro”. O que é esperado de forma prática e muito concreta são apenas dois metros quadrados de chão, onde os peregrinos possam pôr o seu saco-cama e, caso seja possível, que deem o pequeno-almoço. Caso não seja possível, os peregrinos podem tomar o pequeno-almoço na paróquia mais próxima. Mas o que nós achamos que vai acontecer é que as famílias portuguesas, conhecidas pela forma como acolhem e a forma como gostam de receber pessoas, vão fazer com que os voluntários e os peregrinos se sintão em casa e fiquem a conhecer um bocadinho o que é o espírito português e o ambiente familiar em Portugal. Por isso, sabemos que as famílias vão acolher os voluntários e os peregrinos como parte da sua família”, diz-nos Duarte com expectativa positiva.

Até ao momento, estão inscritas cerca de 7.500 famílias que acolhem em média dois a três peregrinos, ou seja, cerca de 22.000 peregrinos e voluntários já têm sítio para ficar. A organização procura famílias nas três dioceses de acolhimento, sendo que depois existe uma análise mais detalhada que é o tempo que os jovens demoram em transportes públicos para chegar ao centro de atividades das JMJ onde acontecem os vários eventos, para que não fiquem a uma distância demasiado grande e demorem o mínimo tempo possível.

Para os voluntários que chegam uma semana antes das Jornadas, há um plano de formação presencial e alguns encontros mais específicos para cada função, como os que estão na segurança, na parte artística ou no check-in, para que eles saibam o que é que têm de fazer durante a semana das Jornadas e terem também a oportunidade de se conhecerem uns aos outros.

Segundo Duarte Ricciardi, estas Jornadas não vão passar indiferentes a ninguém. “Acho que vamos ter as ruas cheias de jovens e sabemos a forma como os portugueses se mobilizaram para receber o Papa, em Fátima, há uns anos. Desta vez, terá um impacto ainda maior, pois são mais dias, há jovens do mundo inteiro e vai ser algo que vai ficar na memória dos portugueses como um marco na nossa História, tanto pela envolvimento das pessoas como pelo momento com o Papa, que vai ser incrível e inesquecível para todos”, refere o secretário.

Vai ser um grande desafio conseguir que as pessoas sintam este acontecimento como uma oportunidade para entender as diferenças e de viverem este momento em conjunto. E as famílias portuguesas vão ser o pilar de tudo o que vai acontecer, seja para receber pessoas, seja porque os filhos e pais são voluntários, seja porque estão na rua e chocam com os peregrinos em cada rua. O espírito que se vai viver nas Jornadas está muito dependente da forma como as famílias vão acolher. O Papa Francisco tem falado muito do diálogo intergeracional, que é juntar os jovens com os mais velhos, e tem falado muito à família, no sentido de todos os membros fazerem parte deste encontro mesmo que ele seja para os mais jovens.

“Um encontro com tantas pessoas e culturas do mundo inteiro deve contribuir para a paz no mundo, pois contribui para o diálogo, para percebermos as diferenças entre os povos e para fazermos amigos do outro lado do mundo, e isso é sempre uma oportunidade de entendimento maior, porque a falta de entendimento ou de conhecimento que existe muitas vezes é responsável pelas divergências entre os países. As Jornadas providenciam muito as relações entre os jovens que se juntam à volta do Papa Francisco e da programação das Jornadas, e são essas relações que se criam e essa vivência conjunta que dão frutos para o futuro. Acontece muito nas Jornadas surgirem ideias e vocações, sejam profissionais, matrimoniais ou religiosas” conclui Duarte.

Para fazer parte destas Jornadas, seja como Família de Acolhimento para acolher jovens, seja para participar nos vários eventos, o site da JMJ Lisboa 2023 disponibiliza toda a informação necessária. 